

DEPOIMENTO

João Carlos Gomes Chmyz*

Dentro do círculo de tão ilustres colegas, amigos, companheiros e discípulos do dr. José Loureiro Fernandes, coloco-me na condição de um aluno de sua doutrina, de um admirador da sua competência, tenacidade, probidade e de um filho da sua dedicação.

Foi com muita satisfação que aceitei o convite do Departamento de Antropologia e do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Sinto-me honrado em prestar este depoimento e tomado de emoção por poder expor um pouco sobre um homem de caráter idealista, circunspeto, conservador, reflexivo, um trabalhador incansável, de visão futurista e, ao mesmo tempo, simples e cordial, mas que era austero em suas decisões quando necessário se fazia.

O dr. Loureiro faz parte da minha história de vida pelo tempo que com ele convivi, pelo seu lado afetuosos e, pela influência que de certo modo norteou-me profissionalmente.

Conheci-o pessoalmente na década de sessenta, nos corredores do Museu Paranaense, quando este ocupava um prédio antigo da rua Buenos Aires, no bairro do Batel. Seu estilo arquitetônico e suas instalações deixaram-me fascinado. Pela primeira vez, aos meus 11 anos de idade, visitava um museu onde seu diretor tinha a figura de uma pessoa imponente e marcante, mas que como criança, senti também seu lado tranqüilo e de calor humano. Ainda o vi por mais algum tempo, em outras visitas ao museu.

Alguns anos mais tarde, em meados de 1972, já crescido, estudando e trabalhando, voltei a ter contato com o dr. Loureiro. Foi quando recebi dele o convite para trabalhar no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá (MAAP), sem remuneração, mas que aceitei, pois era a chance de fazer o que me empolgava, isto é, lidar com coisas antigas. Estava sendo um período de reorganização do museu. Eu atuaria como técnico e seu coadjuvante na montagem de painéis, vitrines, exposições permanentes, enfim o que fosse preciso fazer.

* Museólogo do Departamento de Antropologia e Pesquisador do CEP/UFPR.

O dr. Loureiro era o diretor do Museu. Dia a dia me impressionava com sua criatividade, seu jeito metódico e organizado.

Em outubro de 1972 fui contratado pela UFPR como Auxiliar de Museu e no ano seguinte, iniciei o Curso de Geografia da mesma Universidade. Isso fez com que eu tivesse que pernoitar no MAAp, para poder cumprir minha carga horária; assim, tinha que me deslocar diariamente para Curitiba para assistir as aulas, retornando à Paranaguá no final da tarde. No ano seguinte, através de concurso público, passei a ocupar o cargo de Preparador de Museu.

Nesse período também secretariava o dr. Loureiro na sua residência em Curitiba, que me recebia com estima familiar. Tínhamos um convívio mais estreito, de tal maneira que falava com emoção e também com energia se tivesse que chamar a minha atenção.

Por duas vezes senti reverberar uma faceta de sua personalidade:

- Uma, foi quando o acompanhei até o gabinete do reitor Theodócio Atherino. Sem ter marcado horário previamente, como de praxe, passou direto pela secretária, não lhe explicando do que se tratava. Entrou no gabinete onde, enfurecidamente, depois de dizer que a universidade carregava nos “erres” da burocracia e batendo com veemência na mesa do reitor com a sua elegante bengala (cabo de marfim, haste de pau-brasil e a ponta revestida em ouro), cobrou pelo não atendimento dos recursos reivindicados para o MAAp.

- A outra, para mim bastante constrangedora, foi quando desmanchei meu noivado e ele, inconformado, tomado de razões como um patriarca, dizia em tom imperativo estar desapontado com a minha decisão, não me dando sequer condições para eu me manifestar. Pasmado então, o ouvi calado.

Para mim esse seu lado às vezes um tanto impetuoso era, sobretudo de justeza.

Essas cenas contadas hoje podem parecer hilariantes, mas vividas, eram como se meio mundo caísse sobre a cabeça.

Apesar desses rompantes, predominava seu lado magnânimo. Sempre se preocupou em ajudar seus sectários e/ou funcionários, qualquer que fosse a função, incentivando e dando-lhes apoio para que tivessem ascensão.

Assim, quando soube do meu ingresso no Curso de Geografia, surpreendeu-me ao doar-me três livros que lhe pertenciam, dizendo que me seriam úteis como o foram para ele. Tratava-se de *O Homem: uma introdução à Antropologia*, de Ralph Linton (Livraria Martins, São Paulo, 1953), *Geografia Humana*, de A. de Amorim Girão (Portugalense Editora, Porto, 1946) e *Antropogeografia*, de Raimundo Lopes

(Publicações Avulsas do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 16, 1956).

Em dois desses livros, ainda é possível observar suas anotações feitas a lápis.

Em 1973 foi organizado o Curso de Aperfeiçoamento sobre Técnicas Arqueológicas Aplicáveis a Sítios Pré-Cerâmicos. Coordenado pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire, dele participaram arqueólogos do Brasil e do exterior, sendo executados trabalhos de escavação no Sambaqui do Centenário.

Situado em local de difícil acesso, fui designado pelo dr. Loureiro a providenciar junto à Prefeitura de Paranaguá, a abertura do acesso ao Sambaqui.

Como o dr. Loureiro já havia sofrido um derrame e, apresentava dificuldades para caminhar, a minha responsabilidade e preocupação tornaram-se maiores quanto à abertura do caminho para que o veículo que o levaria, pudesse chegar até o sambaqui. Mesmo tendo sido meticuloso, isso não foi possível devido às condições desfavoráveis do local (até o trator de esteira encalhou) e o curto espaço de tempo para os trabalhos. Contudo, esse fato não foi obstáculo para que o dr. Loureiro lá chegasse. Pertinaz como sempre, seguiu a pé de onde parou o veículo.

Por repetidas vezes vi nele essa força maior prevalecer e nunca se resignar.

Em fevereiro de 1974, encaminhou-me para fazer estágio em Museologia no Museu do Índio, no Rio de Janeiro.

Por volta de 1976 cogitou sobre a possibilidade de eu fazer um curso de especialização em restauração em Portugal, por saber do meu interesse nesta área. Como dependeria de seus contatos na Universidade de Coimbra, foi protelado para o ano seguinte, quando veio a falecer.

Nesse ano de 1977, em fevereiro, encontrava-me em pesquisas de campo (segundo ano do Projeto Arqueológico Itaipu), quando inesperadamente recebi a infortuna notícia do seu falecimento.

Fui fidedigno aos ensinamentos do mestre, desenvolvendo meu trabalho no MAAP com seriedade e dedicação. Assim sentia retribuir com gratidão toda a motivação que dele recebia.

